

PARAPEDAGOGO: FUNÇÕES, COMPETÊNCIAS E QUALIFICADORES

Parapedagogue: functions, competences and qualifiers

Natalia Fuentes

RESUMO. O artigo apresenta a definição, funções e competências da conscin parapedagoga. A autora detalha o escopo de atuação desta conscin e propõe qualificadores, percebidos a partir do próprio laboratório consciencial, capazes de contribuir para o aprimoramento do trabalho do parapedagogo e da interassistência de modo geral.

Palavras-chave: Parapedagogiologia; Parapedagogo; Qualificação.

ABSTRACT. The article presents a definition, functions and competences of the parapedagogue conscin. The author details the scope of action of this conscin and proposes qualifiers, perceived from her own consciencial laboratory, capable of contributing for the improvement of the work of the parapedagogue and interassistance in general.

Keywords: Parapedagogiology; Parapedagogue; Qualification.

I. INTRODUÇÃO

Motivadores. A pesquisa foi motivada pelas percepções durante a vivência teática da autora na função de parapedagoga, a partir da constatação e registro dos ganhos evolutivos obtidos com o exercício desta atribuição.

Objetivos. O artigo objetiva detalhar as funções e competências da conscin parapedagoga, propor qualificadores para a execução dessa atribuição a partir dos benefícios evolutivos percebidos nesta atividade e oferecer subsídios para a promoção da qualificação da interassistência parapedagógica.

Metodologia. A metodologia é essencialmente qualitativa e teve como procedimentos a pesquisa bibliográfica, a pesquisa participativa nas vivências da autora e a realização de estudos e anotações.

Abordagem. Os estudos sobre a conscin parapedagoga neste artigo foram desenvolvidos com foco na especialidade Parapedagogiologia, contudo as contribuições da Educação, Pedagogia e Psicologia influenciaram a pesquisa e são referenciadas no texto.

II. CONTEXTUALIZAÇÃO

Parapedagogo. O *parapedagogo* é a conscin, homem ou mulher, professor de Conscienciologia experiente, técnico em Parapedagogiologia, especialista no emprego de recursos, métodos e instrumentos parapedagógicos, formador e orientador de novos professores, futuros líderes,

visando a expansão da tarefa do esclarecimento (tares), a reeducação consciencial e o desenvolvimento do exemplarismo pessoal.

Funções. Sob a ótica da Experimentologia, a autora apresenta, em ordem alfabética, 13 funções da conscin parapedagoga:

01. **Calendário.** Participar da elaboração, efetivação e avaliação do calendário das atividades parapedagógicas da Instituição Conscienciocêntrica (IC), onde é voluntária, levando em consideração a equipe de docentes e sua expertise; as especialidades e o público-alvo a ser atingido.

02. **Debates.** Mediar e participar de debates para aprofundamento dos conhecimentos dos conteúdos do *Corpus* da Conscienciologia estimulando a criação de ambientes para desenvolvimento de neossinapses.

03. **Desenvolvimento.** Estabelecer, junto com a coordenação da Instituição Conscienciocêntrica (IC), os marcos de desenvolvimento docente e estimular e acompanhar o progresso dos professores.

04. **Docência.** Ministras aulas de Conscienciologia com frequência para aprimorar constantemente suas competências docentes e a interação com a equipe extrafísica de amparadores de função, desenvolvendo técnicas paradidáticas e as parapercepções visando a conquista do autoperapsiquismo interassistencial.

05. **Escrita.** Realizar gescons contribuindo para o desenvolvimento da especialidade e instigar a reflexão e amadurecimento de educandos, docentes e futuros docentes de Conscienciologia.

06. **Feedback.** Dentro da orientação de professorandos, professores e parapedagogos iniciantes, dar feedback parapedagógico interassistencial nas atividades parapedagógicas, prezando pela escuta ativa e a comunicação assertiva.

07. **Fóruns.** Participar de fóruns da Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional (CCCI) priorizando a interassistência, visando se manter atualizado e contribuir para a assessoria parapedagógica da comunidade, por exemplo, participar do Conselho de Parapedagogia da UNICIN, criado para nivelar informações, definir critérios, procedimentos e políticas parapedagógicas na CCCI.

08. **Formação docente.** Quando professor na formação docente básica, orienta os professorandos para alavancar os trafores docentes nas várias etapas da formação, no caso da estrutura parapedagógica da *REAPRENDENTIA* atuará em disciplinas, estágios, entrevistas metarreflexivas, provas-debate e, em certos casos, na preceptoria parapedagógica. Também contribui na melhoria contínua do processo formativo.

09. **Formação do parapedagogo.** Participar da formação dos parapedagogos dentro do programa estabelecido na IC, no papel de professor em oficinas ou qualificações, além de orientar a escrita de artigos dos formandos e mediar a aprendizagem nas atividades em que participam no papel de aprendizes observadores.

Programa. Na *REAPRENDENTIA* existe o Programa para Formação de Parapedagogos. O professor de Conscienciologia deve atender alguns requisitos para fazer parte deste programa que consiste em várias etapas: oficinas, qualificações, estágios de observação, disciplinas, escrita de artigo na área de Parapedagogiologia, entre outros.

10. **Formação continuada.** Planejar e coordenar, em conjunto com outros parapedagogos ou docentes, os processos para formação continuada da equipe de professores e parapedagogos, possibilitando qualificações com momentos de estudo, planejamento, reflexão e compartilhamento das experiências.

Importância. Segundo Fonseca (2018), o nível de competência superior só se obtém com aprendizagem continuada e interação constante com outros indivíduos mais experientes.

11. Materiais didáticos. Coordenar e orientar os processos de elaboração, seleção e utilização de materiais didático-parapedagógicos, respeitando critérios previamente estabelecidos.

12. Preceptoria Parapedagógica. Orientar e acompanhar a elaboração e execução do plano de apoio parapedagógico individualizado dos educandos ou professorandos, conforme suas potencialidades e necessidades. O parapedagogo pode avaliar e entender o momento e dificuldade do aprendiz e realizar, em conjunto com ele, um plano de ação para superação dos seus desafios e para estímulo dos traços capazes de dar suporte para realizar a mudança.

13. Qualidade. Orientar e acompanhar os docentes em relação ao planejamento, execução e avaliação do trabalho parapedagógico visando manter a qualidade do ensino e aprendizagem, de acordo com as diretrizes da IC.

Escopo. Apresentadas as funções do parapedagogo e o escopo de atuação, a autora propõe, a seguir, elementos que poderão ajudar na qualificação destas atividades.

II. QUALIFICADORES.

CQPP. Para alocar os qualificadores a autora escolheu usar como base o Ciclo da Qualificação da Práxis Parapedagógica (CQPP), desenvolvido pela *REAPRENDENTIA*, no qual são apresentadas etapas de uma aula de Conscienciologia. Vale ressaltar que essas etapas não são independentes e algumas acontecem concomitantemente. Como mencionado anteriormente, atuação do Parapedagogo se estende além da sala de aula, mas estas etapas podem ser aplicadas a outros momentos parapedagógicos de interação. A seguir, são detalhados alguns qualificadores de cada etapa com foco na atuação do parapedagogo, primeiramente na Figura 1, para melhor visualização:

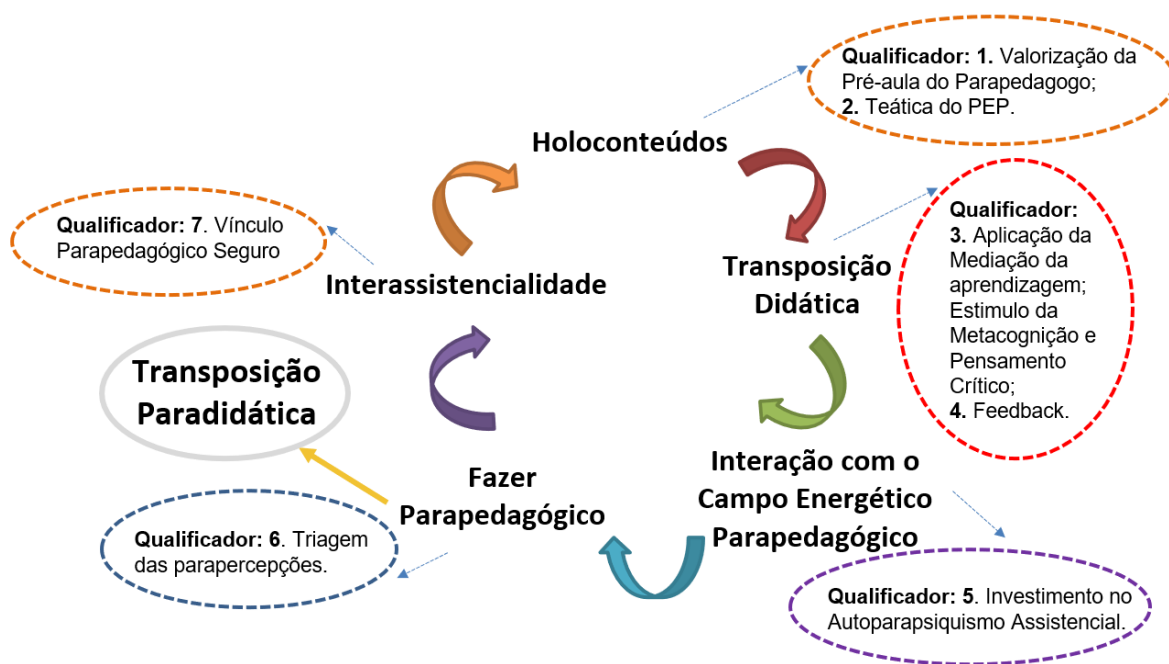


Fig. 1: Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica e os qualificadores para o Parapedagogo
Fonte: De autoria própria.

A. Holconteúdos: esta etapa do ciclo é composta pelos conhecimentos, saberes, experiências e reflexões do professor. O educador terá melhores resultados interassistenciais fazendo investimento constante nos estudos e experimentação dos conteúdos de suas aulas (KLEIN et al., 2019).

1. Valorização da Pré-aula do parapedagogo.

Pré-aula. A pré-aula de Conscienciologia é “a fase, período ou estágio de aquisição de competência, planejamento e preparação teática da conscin docente ou aluna semperaprendente a fim de organizar-se com antecedência e eficácia para obter o melhor aproveitamento possível da futura instrução Conscienciológica” (KLEIN, 2021, n.p, v. Pré-Aula de Conscienciologia). No caso do parapedagogo, além das aulas de Conscienciologia, existem outras atividades como ministrar disciplinas e observar estágios (aulas), entre outras, exigindo uma preparação característica para cada evento.

Banalização. A banalização da preparação da aula ou atividade parapedagógica mostra desconhecimento, por parte do parapedagogo, dos elementos envolvidos intra e extrafisi-camente para que a interassistência possa ser desenvolvida com qualidade.

Aproveitamento. A pré-aula bem aproveitada requer conectar-se com os materiais da atividade com antecedência gerando *rapport* com a equipe extrafísica envolvida com o evento, planejar a atividade e conhecer ou rever os detalhes, mesmo quando a atividade já foi ministrada previamente pelo parapedagogo.

Interações programadas. O planejamento da atividade permite a elaboração de diferentes interações programadas e intencionais para poder incentivar os educandos a refletir sobre determinados pontos, dentro dos objetivos específicos da aula, o que será possível através de um envolvimento profundo e deliberado com a atividade.

Contexto. A nova turma participante, o novo contexto intra e extrafísico, a atualização das recins e pesquisas do professor criam um momento novo, uma experiência diferente das anteriores, ao ponto de a mesma aula poder ser completamente diferente, com outros pontos de destaque, questionamentos e neorreflexões realizados pelo educando e o educador. Com o desenvolvimento da hiperacuidade assistencial esses detalhes não passarão despercebidos pelo parapedagogo e a tendência natural será valorizar cada vez mais a pré-aula.

Campo. É ilógico esperar criar um campo energético parapedagógico que possa propiciar a tares e possível recuperação de cons dos educadores e educandos, se o responsável não chegar com antecedência ao local cuidando dos detalhes intrafísicos e se disponibilizando para essa assistência. Vale o parapedagogo se perguntar: *como contribuo ativamente com esse campo?*

Minipeça. Sendo o parapedagogo uma minipeça intrafísica de um maximecanismo assistencial, se não fizer sua parte, o mecanismo terá desempenho medíocre e afetará as consciências envolvidas. Importa estar atento à falsa premissa de que com a simples presença a pessoa está realizando sua função. Se não existir teática e exemplarismo, pode mais atrapalhar do que ajudar.

Despreparo. Um educador despreparado, sem conhecimento dos conteúdos ou sem possibilidade de gerar *rapport* com os assistidos e com a equipex, pode trazer ansiedade ao campo, desestabilizando-o, passando a ser mais um assistido. Por outro lado, um educador repetindo sempre as mesmas informações, sem novidade ou neorreflexões, pode inviabilizar a criação de um campo adequado para os assistidos, intermissivistas, se aproximarem.

Estudo. No caso do parapedagogo vale destacar a importância do estudo amplo das ciências ligadas ao ensino e aprendizagem. Conhecimentos sobre Educação, Pedagogia, Psicologia e Neurociências inseridos no paradigma consciencial, ampliam e enriquecem a associação de ideias. Entender sobre as teorias de aprendizagem, as melhores práticas pedagógicas e as abordagens mais adequadas segundo os estilos de aprendizagem são alguns exemplos. A atualização, com leitura e estudo constantes, é essencial para se alcançar a erudição necessária para realizar uma assistência mais qualificada.

2. Técnica do Princípio do Exemplarismo Pessoal (PEP).

Exemplarismo. Vieira propôs o Princípio do Exemplarismo Pessoal (PEP), definido pela “condição evoluída de se viver dando exemplos de maturidade consciencial em todas as áreas de manifestações pensênicas, própria da conscin autolúcida quanto à inteligência evolutiva (IE) e à Cosmoética, ex-aluna de Curso Intermissivo (CI) pré-ressomático” (VIEIRA, 2018, p. 18.047, v. Princípio do Exemplarismo Pessoal).

Atenção. Embora esse princípio permeie todas as etapas do CQPP, ele começa na pré-aula e transcende a sala de aula para o cotidiano do parapedagogo.

Liderança interassistencial. O parapedagogo, na visão da autora, pode ser agente transformador parassocial pela atuação na paraeducação de conscins e consciexes e formação de líderes, futuros professores que poderão ser formadores de opinião e agentes da tares. O exemplarismo é um dos requisitos essenciais para exercer a liderança cosmoética.

CI. Atuar como conscin lúcida e aplicar teaticamente o aprendido e planejado no curso intermissivo exige dedicação e priorização da conscin intermissivista. A atenção à coerência e investimento nas recins para uma vida consciencial mais madura está no cerne da essência proexológica do parapedagogo. Esta autora, na função de parapedagoga, percebeu em várias ocasiões, automotivação para esses investimentos proveniente da certeza íntima da necessidade de aprimoramento para a tarefa a ser realizada.

Autocompromisso. O envolvimento na função de parapedagoga funciona para a autora como uma imersão ostensiva nas variáveis envolvidas na paraeducação, ratificando o autocompromisso multidimensional proexológico.

O TRABALHO DO PARAPEDAGOGO PROMOVE A IMERSÃO NA PARAEDUCAÇÃO CONFIRMANDO, PARA A CONSCIN INTERMISSIVISTA, O AUTOCOMPROMISSO PROEXOLÓGICO COM A PARAPEDAGOGIOLOGIA NA ATUAL VIDA HUMANA.

B. Transposição Didática: etapa que compreende as transformações dos saberes a serem ensinados, incluindo a seleção, organização, adequação e ensino dos conteúdos de uma aula (KLEIN et al, 2019). O estudo sobre teorias de aprendizagem, domínios, dimensões e estilos de aprendizagem tem forte influência na qualificação da transposição didática.

3. Aplicação da Mediação da aprendizagem.

Mediação. A teoria da aprendizagem mediada, criada por Feurstein (1980), necessita de um nível de dedicação do educador para atingir uma conexão profunda com o educando, o

acompanhando e orientando. Esta autora acha esse nível de dedicação similar ao envolvimento necessário do parapedagogo com seus educandos para conseguir a melhoria contínua da aprendizagem.

Interação. A mediação da aprendizagem é um tipo especial de interação entre alguém que ensina (o mediador) e alguém que aprende (o mediado). Essa interação deve ser caracterizada por uma interposição intencional e planejada do mediador que age entre as fontes externas de estímulo e o aprendiz. “A ação do mediador deve selecionar, dar forma, focalizar, intensificar os estímulos e retroalimentar o aprendiz em relação as suas experiências a fim de produzir aprendizagem apropriada intensificando as mudanças no sujeito” (FEURSTEIN et al., 1998 apud MEIER, GARCIA, 2011, p. 127)

Mediador. Para Feuerstein (1980), um mediador é capaz de conduzir estrategicamente processo de aprendizagem mediada quando consegue questionar o mediado, de modo a impulsionar conflitos cognitivos e mobilizar funções cognitivas, aumentando o nível de flexibilidade mental do educando envolvido no processo de aprender a pensar.

ZDP. Para Vygotsky (1979), o aprendizado orientado para níveis de desenvolvimento que já foram atingidos é ineficaz. Ele propõe a zona de desenvolvimento proximal (ZDP) que define a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de resolver um problema sem ajuda e o nível de desenvolvimento potencial determinado através de resolução de um problema sob a orientação de um educador ou em colaboração com outro colega. É a série de informações que a pessoa tem a potencialidade de aprender, mas ainda não completou o processo, conhecimentos fora de seu alcance atual, mas potencialmente atingíveis (OSTERMAN E CAVALCANTI, 2010).

Apoios. Vygotsky (1979) insistiu na importância dos apoios na aprendizagem dentro da zona de desenvolvimento proximal, que é a dimensão dos apoios, estratégias e suportes da aprendizagem (*scaffoldings*). Esses suportes são os andaimes que funcionam facilitando a aprendizagem de modo a possibilitar ao educando “a possibilidade de atingir uma performance cognitiva mais elevada expandindo e amplificando continuamente o seu nível de realização” (FONSECA 2018, p. 136).

Suportes. Os suportes, segundo Fonseca (2018) podem ser dos mais variados, a seguir alguns deles:

1. Direcionamento da atenção para os pormenores da tarefa.
2. Ajuda para focar em algum procedimento esquecido ou negligenciado.
3. Simplificação dos passos para a resolução de um problema.
4. Repetição de detalhes e procedimentos.
5. Reperspectivação da frustração que pode bloquear as funções cognitivas.
6. Favorecimento do surgimento de novos níveis de compreensão através dos questionamentos e sugestões.

Extrafisicalidade. Se considerarmos as variáveis extrafísicas podemos agregar alguns questionamentos que podem estimular a reflexão sobre o processo de conhecimento considerando às percepções do holossoma e as múltiplas dimensões. Por exemplo:

7. Estimular a observação das variáveis energéticas, a autopenalidade e a sinalética parapsíquica pessoal e outras parapercepções.

Construção. O mediador ajuda a construir o conhecimento do mediado, indaga o quê e como o mediado compreende e domina efetivamente esse conhecimento, ilustrando a importância da parceria sinérgica de ambos na elaboração e organização cognitiva (FONSECA, 2018).

Reponsabilidade. Na medida que o educando aprende, sua responsabilidade pela tarefa aumenta e a presença dos *scaffoldings* (suportes de aprendizagem) diminui, garantindo a realização independente e a autonomia.

Repetição. Os educandos depois de aprenderem a realizar com independência uma dada tarefa, se a repetirem muitas vezes com prática deliberada e automatizada, poderão atingir o nível de excelência e rendimento (FONSECA, 2018).

Erro. Este conceito sobre a necessidade da prática para desenvolver uma competência é muito relevante pois os professorandos, às vezes, criam expectativas deslocadas sobre como deveriam ser as suas performances e desenvolvem uma resistência ao erro, sendo que o erro é um evento natural e esperado em processos formativos e uma oportunidade concreta e clara para correção e progresso.

Experiente. O mediador mais experiente procura estruturar o processo de aprendizagem por pequenos ganhos de competência do tipo passo a passo, “o que reforça o princípio *vygotskyano* da microgênese da aprendizagem, pois nenhuma aprendizagem se obtém por grandes saltos ou por mudanças comportamentais milagrosas” (FONSECA, 2018, p. 139). A aprendizagem emerge de um processo de mudança contínua por pequenos ganhos provocados pela experiência de mediação.

Estímulos. Para Bruner (1973) um mediador deve:

1. Encorajar o sujeito suscitando-lhe interesse pela tarefa.
2. Reduzir os graus de dispersão mental simplificando a tarefa, tornando-a a mais segura e acessível o que permite resolvê-la com eficácia e manter o foco e orientação no objetivo específico da tarefa.
3. Sublinhar as características fundamentais e determinantes da tarefa favorecendo a emergência de estratégias de planejamento e execução correta.
4. Ajudar a controlar as frustrações, inseguranças ou ameaças que possam surgir.
5. Estabelecer uma relação reflexiva e positiva com os erros cometidos na realização das tarefas a serem aprendidas.
6. Demonstrar a solução das tarefas apresentando modelos ideais de solução de problemas favorecendo o surgimento de estratégias executivas que devem ser mobilizadas, recuperadas e reelaboradas para serem construídas.

Pensar. Ensinar a pensar exige um ensino mais preciso, sistemático e reflexivo. Para este fim é necessário o professor centrar-se na função de mediador (FONSECA, 2018). Neste artigo, serão destacados, a continuação, a metacognição e o pensamento crítico como processos cognitivos de suporte (*scaffoldings*).

Metacognição. A metacognição é a capacidade dos alunos de refletirem sobre seus próprios conhecimentos e perspectivas, ou seja, serem capazes de pensar em seu pensar. Statt (1998) define metacognição “quando o indivíduo tem o conhecimento e a consciência do seu próprio processo cognitivo” (STAT, 1998 apud FONSECA, 2018, p. 188).

Monitorização. A metacognição expande as competências cognitivas que suportam o pensar no pensar e tem como primeira finalidade melhorar a aprendizagem no futuro, na medida em que fornece instrumentos cognitivos que tendem a controlar o processo de aprendizagem em situações futuras.

Dificuldades. Professorandos com dificuldade de aprendizagem, geralmente, não conseguem monitorar como desempenham as tarefas ou quais os problemas a resolver, ou seja falta o

desenvolvimento da metacognição. Nesses casos, a dispersão se amplia e a frustração aumenta com o desenrolar das tarefas e atividades.

Questionamento. Uma das estratégias que estão na base do desenvolvimento da metacognição é a capacidade de questionamento, pois saber colocar perguntas no tempo certo do ato mental como um todo, é uma condição crucial ao enriquecimento da metacognição. Fonseca (2018) propõe 3 momentos de perguntas para o educando, antes, durante e depois da atividade realizada.

Aulas. No caso das aulas dos professorandos, o parapedagogo pode perguntar, por exemplo, no período da pré-aula: - *Vai adotar uma estratégia similar a outra utilizada anteriormente? Por quê?* Durante a aula combinar com o professorando ficar atento ao questionamento: - *A sequência dos procedimentos planejados está sendo executada?* E na pós-aula: - *O planejamento resultou ou teve que ser alterado, onde e por qual razão?*

Conscientização. O processo de conscientização resultante desses questionamentos vai reforçar várias funções cognitivas: a atenção, a percepção analítica, a capacidade de comparação e o processamento crítico da informação contida nas tarefas.

FAF. Uma ferramenta utilizada no processo formativo docente da *REAPRENDENTIA* é a FAF- Ficha de Avaliação Formativa onde constam uma série de perguntas para cada período, pré-aula, aula e pós-aula, incluindo a observação das variáveis extrafísicas, que o professorando responde em cada aula. Esses questionamentos respondidos com frequência ajudam ao professorando a interiorizar, aos poucos, uma matriz para automonitoramento futuro. O professorando pode adquirir essa habilidade e perceber progressivamente a sua conexão com os processos extrafísicos da aula como, por exemplo, o campo energético parapedagógico e o amparo de função.

Parametacognição. A parametacognição envolve o metaconhecimento da manifestação da própria consciência de maneira holossomática onde o educando monitora sua atuação considerando as variáveis extrafísicas.

Autoconscientização. A consciência que compreende como penseniza, que interage com a extrafísicalidade analisando a sua sinalética parapsíquica pessoal, tem capacidade de discernir as suas parapercepções e autorregular sua pensenidade. Poderá fazer a profilaxia de assédios interconscienciais, mudando a posição para atuar como isca assistencial lúcida e evitar, por exemplo, acidentes de percurso ou desvios da próxis, planejando sem impulsividade, interagindo com consciexes de níveis evolutivos superiores das quais poderá aprender, propiciando assistências de qualidade e extrapolações parapsíquicas.

Pensamento crítico. Outro processo cognitivo de suporte fundamental para a aprendizagem é o pensamento crítico que tem como finalidade “desenvolver pensadores independentes que também possam debater, discernir, analisar, configurar de forma crítica soluções e respostas adequadas e prospectivas a diversas situações imprevisíveis que se apresentam em um processo continuado de aprender a aprender” (MCGREGOR, 2007, apud Fonseca 2018 p. 238).

Ferramenta. É uma ferramenta cognitiva essencial porque envolve a interpretação e avaliação ativa e antecipada da situação permitindo observá-la e comunicá-la de forma clara e argumentada. É fundamental para avaliar os argumentos nas diferentes formas; analisar e avaliar a situação e só posteriormente tomar decisões; produzir argumentos, raciocínios, questionamentos e hipóteses sobre essas circunstâncias.

Impulsivo. Contrasta com o pensamento esporádico, não planejado, impulsivo que não apresenta evidências nem coerência. Ideal será tomar uma decisão após o pensamento reflexivo e ponderado.

Enriquecimento. O pensamento crítico pode ser enriquecido e promovido com a colocação de questões que obedecem a uma sequência apropriada. Por exemplo, Fonseca (2018) propõe algumas perguntas do tipo:

Qual a conclusão deste ou daquele argumento?

O que o argumento x pretende persuadir, contradizer o aprofundar face ao argumento y?

Quais são as ações que o indivíduo dá, para sustentar seus argumentos ou conclusões neste problema?

O indivíduo fornece alguma assunção implícita, alguma posição, mesmo que não a explicitamente?

Complexidade. Ensinar a pensar de forma crítica exige dedicação e abertismo por parte do educador, investindo na promoção de diálogos, debates, discussões construtivas e conflitos cognitivos com os educandos estimulando-os a predizer, antecipar, recorrer ao pensamento hipotético e investigar situações problemas.

4. Feedback.

Dentro da metodologia da *REAPRENDENTIA*, no Programa para Formação do Parapedagogo existem oficinas de qualificação do feedback. Considerando que uma das funções do parapedagogo é formar professores e outros parapedagogos, está na essência desta função dar feedback e orientação em ambas as situações.

Diálogo. O diálogo estabelecido no momento do feedback é essencial para entender o que o professorando percebeu da sua própria atuação. Perguntas abertas são a escolha indicada nesta interação, pois estimulam o relato aberto para perceber o que observou da própria aula. Exemplos de perguntas abertas: *como percebeu sua aula? Qual foi o ponto alto da aula na sua percepção? O que você faria diferente se a for ministrar novamente?*

Entrelinhas. Ler nas entrelinhas dos relatos dos professorandos e estimular a exploração de alguns pontos específicos, requer habilidade do parapedagogo para destacar certas informações prioritárias no momento formativo.

Tipo. O tipo de feedback realizado é o específico, que “é uma comunicação assertiva, completa, descritiva e factual da percepção sobre a manifestação do outro” (KLEIN et al. 2019, p. 50). São explicitados: os fatos positivos e eventos a melhorar, as consequências percebidas, alguma hipótese explicativa (se existir, e for o caso) e sugestões para um futuro plano de ação.

Plano de ação. O plano de ação será realizado em conjunto, entre o professorando e o parapedagogo, e os itens a serem trabalhados serão pontuais e específicos, no máximo dois ou três pontos, que serão o foco do professorando durante o processo formativo.

Objetivo. O objetivo do feedback é contribuir para a metacognição do professorando ou parapedagogo pois aprenderá a se monitorar e refletir sobre sua atuação. Dessa maneira, no futuro já incorporará a autoobservação com naturalidade para fazer escolhas que alavancarão sua atuação em sala de aula e a consequente interassistência. O feedback é uma oportunidade para a pessoa enxergar pontos que, do contrário, ficariam despercebidos.

C. Interação com o Campo Energético Parapedagógico: etapa do ciclo onde se observa o campo de energias no qual estão imersos professores e alunos, instalado a partir do professor (epicentro consciencial) em conjunto com as energias das demais consciências intrafísicas e/ou

extrafísicas (KLEIN et al, 2019). A qualidade da interação entre professores e alunos tem forte influência na qualificação desta etapa do ciclo.

5. Investimento no Autoparapsiquismo Assistencial

Paratécnicas. Para atingir o maior nível de interação com o Campo Energético Parapedagógico (CEP) e a consequente ampliação da interassistência, o parapedagogo pode lançar mão das paratécnicas conscienciológicas a começar pelo domínio do estado vibracional (EV), a atuação natural como isca consciente lúcida, a realização de acoplamentos áuricos e as assimilações simpáticas e as posteriores desassins, o registro e desenvolvimento da sinalética energética e parapsíquica, o uso da técnica do arco voltaico craniochacral, a tenepes, o autencapsulamento e demais atributos de ordem parapsíquico (VIEIRA, 2014).

Tenepes. As práticas de tarefa energética pessoal (tenepes) do parapedagogo podem envolver os encaminhamentos de consciexes antes e depois das atividades parapedagógicas.

Metas. Priorizando no cotidiano o desenvolvimento das parapercepções, o parapedagogo poderá expandir a atuação extrafísica visando novo patamar evolutivo. Com este investimento pode oportunizar extrapolações parapsíquicas, que expandem a consciencialidade, podendo representar avanços evolutivos. O extrapolacionismo é “o estudo aplicado às experiências de extrapolações ou antecipações evolutivas, esporádicas, obviamente não habituais nem rotineiras, da consciência em qualquer nível evolutivo, em relação ao próprio nível atual, imediatamente superior ou outro ainda mais avançado” (VIEIRA, 2018, p. 10.738, v. Extrapolacionismo parapsíquico).

Grupo. Através da psicossfera da conscin sensível mais preparada, os amparadores podem promover o extrapolacionismo parapsíquico grupal. “O parafenômeno se dá a partir da consciex emissora que transmite as ECs à conscin receptora e esta retransmite as ECs às conscins afins presentes” (VIERA, 2014, p.717). Esse fenômeno pode ajustar “as empatias das conscins entre si e em relação às consciexes que se comunicam individualmente, uma a uma, em momentos e locais humanos diferentes” (VIERA, 2014, p.717). *Quais oportunidades interassistenciais está desperdiçando por banalização do parapsiquismo?*

Frequência. Segundo Viera (2014) existem duas categorias básicas, na escala do extrapolacionismo parapsíquico, para a fixação de determinada conquista evolutiva:

1. **Extrapolacionismo esporádico:** o aviso cosmoético perceptível ou não.
2. **Extrapolacionismo frequente:** o ciclo do extrapolacionismo parapsíquico; a fixação da conquista evolutiva; a entrada na zona de desenvolvimento proximal evolutiva; a mudança de etapa ou patamar evolutivo (VIERA, 2014, p. 374).

Téatica. O investimento contínuo no desenvolvimento parapsíquico permitirá adquirir esta competência e o consequente progresso evolutivo sendo o objetivo a téatica dos princípios do paradigma consciencial e a interassistência.

Cosmoética. A conduta cosmoética é fundamental para os amparadores poderem confiar no parapedagogo quanto às extrapolações parapsíquicas.

Entrosamento. Com a devida apreciação pelo desenvolvimento do parapsiquismo assistencial, o nível de entrosamento com a equipe extrafísica poderá se ampliar e desenvolver uma retroalimentação positiva contínua entre percepção, ação e aprendizagem, aumentando ainda mais a interação.

D. Fazer Parapedagógico: etapa que se caracteriza pela atuação da equipe extrafísica em conjunto com o professor, alunos e demais consciências ligadas ao contexto multidimensional da aula. É quando o professor consegue trabalhar ombro a ombro com os amparadores. Segundo Klein (2018) o fazer parapedagógico é a etapa do Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica (CQPP) natural à transposição paradidática.

Transposição Paradidática. A transposição paradidática é “o processo de transformações adaptativas complexas do conhecimento paracientífico desde a sua concepção até sua apropriação pela consciência semperaprendente, considerando as variáveis intrafísicas e extrafísicas intervenientes nestas transformações” (KLEIN, 2018, p. 53). Considerando as variáveis extrafísicas o educador tem o desafio da detecção e administração dessas ocorrências.

6. Triagem das parapercepções.

Minipeça. O investimento no desenvolvimento parapsíquico do parapedagogo permitirá participar desta fase do ciclo de maneira útil como minipeça do maximecanismo assistencial, entendendo e percebendo as variáveis extrafísicas.

Fontes. As três categorias a seguir, exemplificam ocorrências possíveis na etapa do fazer parapedagógico. Segundo Vieira (2018), sob a ótica da Parapercepciologia, existem 3 fontes básicas do conhecimento humano a partir da Parepistemologia:

1. **Extrafísicalidade:** a captação da ideia original, neoconstructo ou neoverpon da Central Extrafísica da Verdade (CEV).

2. **Intraconsciencialidade:** a recuperação de cons (neossinapses) e o acesso aos conhecimentos angariados em retrovidas humanas (ideias inatas).

3. **Interconsciencialidade:** a inspiração, intuição ou assistência de função dos amparadores extrafísicos (VIEIRA, 2018, p. 16.964, v. Paraepistemologia).

Triagem. Realizar o reconhecimento destas três diferentes fontes e o filtro das informações a serem repassadas para os educandos, a autora considera um dos grandes desafios do educador. Às vezes a consciência se precipita ao dizer, sem uma análise profunda, que foi “inspirada e por isso repassou a informação no momento” quando na verdade pode não ter sido relevante e até, em alguns casos, gerar confusão para o educando. Vale destacar a importância do investimento no desenvolvimento da autotaquirritmia sendo a dinamização técnica, máxima, da intelectualidade pessoal, que em conjunto com o treinamento parapsíquico, o discernimento e o detalhismo poderão contribuir nesta triagem.

E. Interassistencialidade: A interassistencialidade é a meta ou razão de ser da aula de Conscienciologia. Todas as etapas do ciclo de qualificação da práxis parapedagógica e todos os esforços do facilitador da Conscienciologia, buscam produzir e elevar a qualidade da interassistência tarística desenvolvida pelo professor (KLEIN et al., 2019).

7. Vínculo Parapedagógico Seguro

Atitudes. Para a autora vale destacar algumas atitudes importantes do parapedagogo na interação com o educando criando um ambiente seguro de interação. Conforme a teoria do apego de John Bowlby apresentada em 1960, as pessoas desenvolvem estilos diferentes de vinculação

segundo as experiências vivenciadas com seus pais e cuidadores na infância. Existem estilos ansiosos, evitantes e seguros de vinculação (ABREU, 2005).

Seguro. Uma pessoa com estilo seguro de vinculação, é aquela que tem maiores habilidades de relacionamento com outras pessoas, sem maiores incertezas na vida. Como consequência da segurança pessoal, vê aos outros como bem-intencionados e honestos. Tem confiança em suas crenças positivas em si e nos outros (ABREU, 2005).

Definição. A autora transferiu esse estilo seguro de vinculação para o ambiente parapedagógico. O *vínculo parapedagógico seguro* é “a interação entre assistente e assistido, em ambiente parapedagógico, na qual o assistente oferece uma base segura com atitudes maduras, capazes de ativar padrões saudáveis de relação, viabilizando ao assistido o desenvolvimento da autosssegurança, automotivação, autoconfiança e autossuficiência” (FUENTES, 2021, p. 109).

Categorias. O *vínculo parapedagógico seguro* pode ser intrafísico ou extrafísico, podendo ser este último, um tipo de paravínculo.

Atitudes. Quanto maior a interconfiança desenvolvida entre parapedagogo e educandos ou assistentes e assistidos, mais rica e profunda pode ser a tarefa do esclarecimento (tares). Segundo Fuentes (2021, p. 109), a seguir, em ordem alfabética, 11 atitudes do assistente capazes de promover o *vínculo parapedagógico seguro*:

01. **Autenticidade.** Ser autêntico, mostrar que é um ser vulnerável, com falhas, que erra e que tem dificuldades, dessa maneira a relação será mais horizontal e verdadeira sem criação de idealizações.

02. **Autonomia.** Promover a autonomia do outro demonstrando confiança, com base em fatos, nas capacidades e traços necessários à realização do que o assistido se propôs. “A assistência fraterna é o ato de habilitar a consciência carente a ser autossuficiente e autoconfiante em sua evolução” (VIEIRA, 2014, p. 1242).

03. **Expectativas.** Lembrar que o outro não é uma extensão de si, que pensará e agirá diferente e terá outros pontos de vista. Orientar o outro para criar metas viáveis para os trabalhos com planejamento e estudo das necessidades também contribuirá para evitar expectativas erradas.

04. **Flexibilidade.** Treinar a flexibilidade frente a necessidade de mudança de planos e reformulação de metas em função de alteração nas circunstâncias intra e extraconscienciais.

05. **Holoempatia.** Praticar a Técnica da Holoempatia (VICENZI, 2005), formulando a pergunta sobre o outro: *se minha realidade tivesse as variáveis holossomáticas dessa consciência, eu faria diferente, faria melhor?*

06. **Homeostase.** Criar um campo energético parapedagógico homeostático para acolhimento fraterno e que propicie a aprendizagem e a reflexão.

07. **Paciência.** Conhecer e entender o ritmo do outro e o acompanhar.

08. **Proximidade.** Demonstrar que o outro pode contar com você quando precisar. Se aproximar do outro e se mostrar disponível para a interação e para acompanhar os trabalhos em conjunto.

09. **Tendência Corretiva Antiassistencial.** Evitar a tendência de consertar, mudar ou melhorar o outro, impondo valores, desejos ou ponto de vista próprios. O objetivo é estar disponível para orientar a pessoa dentro do que ela propôs para si, segundo suas necessidades.

10. **Visão traforista.** Quando perceber os trafores do outro, procurar listar mentalmente os trafores da pessoa. É a partir daquelas consciências mais complicadas e difíceis que surgem mais desafios de interação e maiores oportunidades de aprendizagem.

11. **Metacognição.** Através de perguntas o assistente pode incentivar o assistido a elaborar metaconhecimentos relativos à maneira como constrói os próprios saberes. Isso estimula a autonomia cognitiva pois o assistido gerencia os seus próprios procedimentos de aprendizagem e melhora gradualmente sua performance fazendo a mais eficaz.

Harmonia. O *vínculo parapedagógico seguro* pode harmonizar as relações interconscienciais favorecendo a intercompreensão e promover um ambiente qualificador da interação parapedagógica, ou seja, predisponente ao esclarecimento profundo (FUENTES, 2021).

Intercooperação. Vale destacar a chance do parapedagogo de realizar uma intercooperação com os colegas evolutivos se inspirando mutuamente e se apoiando no desenvolvimento evolutivo contínuo.

III. COMPETÊNCIAS DO PARAPEDAGOGO

Competências. A partir do detalhamento das funções e qualificadores, a autora lista, sob a ótica da Competenciologia, por exemplo, 16 competências do parapedagogo elencadas em ordem alfabética e com o detalhamento dos respectivos conhecimentos, habilidades e atitudes:

A. Autorganização.

1. Conhecimento: sobre técnicas de organização e planejamento;
2. Habilidade: desenvoltura para lidar com múltiplas atividades e responsabilidades simultâneas;
3. Atitude: ser autodisciplinado e engajado no holopense parapedagógico.

B. Autoparapsiquismo Interassistencial.

1. Conhecimento: sobre manobras energéticas; sinalética anímico parapsíquica; paraperceptibilidade; acoplamento áurico e técnicas de assimilação e desassimilação simpática;
2. Habilidade: vivência teática das práticas energéticas; atenção ao desenvolvimento da paraperceptibilidade com finalidade interassistencial; foco no aprimoramento da autoconsciência energossomática;
3. Atitude: ser proativo e automotivado no desenvolvimento do autoparapsiquismo interassistencial.

C. Autopesquisa.

1. Conhecimento: sobre técnicas de pesquisa e autopesquisa; autoconsciencioterapia; autoconscienciometria; princípios básicos de Filosofia e Psicologia;
2. Habilidade: manter a postura descrenciológica e abertismo para as recins necessárias para qualificação da interassistência;
3. Atitude: ser aberto a feedbacks; ter hiperacuidade para observação da própria realidade e do entorno.

D. Autoposicionamento.

1. Conhecimento: sobre diferentes paradigmas e sobre o paradigma consciencial;
2. Habilidade: aplicar teaticamente os princípios do paradigma consciencial no cotidiano e se manter lúcido para as tendências retrógradas remetendo a antigos paradigmas;
3. Atitude: ser criterioso na autavaliação das suas manifestações.

E. Comunicação.

1. Conhecimento: sobre técnicas de comunicação assertivas;
2. Habilidade: aptidão para ouvir e se conectar com o outro; adaptar sem banalização as mensagens para cada público interessado; entender o momento do outro e o que é pertinente comunicar;
3. Atitude: ser paciente; acolhedor e autoconfiante. “O bom ouvinte sempre acaba aprendendo com o que escuta” (VIEIRA, 2014, p. 1190).

F. Cosmovisão.

1. Conhecimento: sobre cultura geral; atualização sobre assuntos contemporâneos; entendimento sobre pensamento complexo; sobre paradigma consciencial;
2. Habilidade: prezar pela autovivência da cosmopensividade;
3. Atitude: ser universalista e omniquestionador.

G. Didática e Paradidática.

1. Conhecimento: sobre técnicas didáticas e paradidáticas;
2. Habilidade: capacidade de aplicar com destreza a didática e paradidática em sala de aula e em outras interações parapedagógicas; confeccionar materiais didáticos;
3. Atitude: ser criterioso para avaliar o contexto de atuação e flexível para mudar de rumo segundo a necessidade do educando.

H. Escrita.

1. Conhecimento: sobre metodologia científica e técnicas de escrita conscienciológica;
2. Habilidade: escrever de maneira regular transpondo suas vivências e descobertas no exercício da função;
3. Atitude: ser comprometido com o desenvolvimento da especialidade.

I. Exemplarismo.

1. Conhecimento: sobre o Princípio do Exemplarismo Pessoal (PEP);
2. Habilidade: viver dando exemplos de maturidade consciencial em todas as áreas de manifestações pensivas;
3. Atitude: ser autocrítico, detalhista e atento as suas atuações e suas consequências.

J. Fluência tecnológica.

1. Conhecimento: sobre as novas tecnologias educativas e pedagógicas;
2. Habilidade: agilidade e flexibilidade para a interação entre o educador e educando em contextos parapedagógicos;
3. Atitude: ser neofílico e automotivado.

K. Qualificação do feedback.

1. Conhecimento: sobre as técnicas de feedback interassistenciais;
2. Habilidade: capacidade de observação e contextualização do feedback na conjuntura formativa; criar um campo energético parapedagógico homeostático para acolhimento fraterno propiciando a aprendizagem e a reflexão; procurar o contato com o amparador do assistido;
3. Atitude: ser interessado, empático e assistencial.

L. Metacognição.

1. Conhecimento: sobre estratégias metacognitivas;
2. Habilidade: capacidade de analisar e realizar a triagem dos fatos e parafatos envolvidos em contextos parapedagógicos; encorajar a metacognição nos alunos estimulando novas conexões do conhecimento dos temas estudados com a finalidade de desenvolver uma base de habilidades a serem transferidas para outras situações da vida cotidiana; estimular a autonomia cognitiva do assistido;
3. Atitude: ser omniquestionador inteligente; comunicativo, observador e acolhedor.

M. Pensamento crítico.

1. Conhecimento: sobre apresentação de situações problema; mediação de debates;
2. Habilidade: capacidade de avaliar os argumentos nas suas diferentes formas; analisar e avaliar as situações e os problemas; produzir argumentos, raciocínios, questionamentos; comparar, inferir, avaliar, explanar e interpretar;
3. Atitude: ter abertismo e postura neofilica pesquisística.

N. Semperaprendência autodidata.

1. Conhecimento: teático dos conteúdos essenciais do *Corpus* da Conscienciologia;
2. Habilidade: aplicação ao autodidatismo sistemático; firmar a rotina de estudos ininterrupta aprofundando cada vez mais os conhecimentos e associações de ideias para construção de neoverpons;
3. Atitude: ser persistente e automotivado com postura pesquisística descrenciológica.

O. Trabalho em equipe.

1. Conhecimento: da dinâmica de trabalho em equipe e a metodologia da docência conscienciológica em grupo;
2. Habilidade: prezar pelo acolhimento interassistencial; ouvir os colegas e dar espaço para a manifestação dos outros permitindo o fluxo interassistencial;
3. Atitude: possuir intercompreensão e interempatia.

P. Liderança Cosmoética Traforista.

1. Conhecimento: teático sobre técnicas de liderança e Cosmoética;
2. Habilidade: orientar com lucidez e Cosmoética; promover a autonomia do outro demonstrando confiança, com base em fatos e trafores do assistido;
3. Atitude: ter força presencial e clareza de propósito.

Formativo. O processo formativo do parapedagogo permite a participação em diversas atividades que podem contribuir para o desenvolvimento destas competências.

Prática. O progresso, como destacado antes neste artigo, requer a prática contínua e o investimento com compromisso e responsabilidade por parte do interessado. O foco interassistencial e a flexibilidade pensênica poderão ser bons pontos de partida para estas conquistas evolutivas.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escopo. Entender o escopo de atuação do parapedagogo pode estimular a conscin afinizada a iniciar o investimento para desenvolver essa função, ciente da necessidade de qualificação contínua da interassistência.

Oportunidade. As vivências do parapedagogo oportunizam o desenvolvimento evolutivo. Esta autora quer dar ênfases, nesta conclusão, ao aprimoramento do desempenho nas interações pessoais consequentes da orientação e acompanhamento dos educandos. Este exercício permite aprofundar a compreensão da realidade e tempos particulares das conscins e consciexes envolvidas dando lugar à reflexão sobre as melhores abordagens cosmoéticas em cada situação.

Recins. A auto-observação nestas interações possibilita a percepção de necessidades de autorreciclagens intraconscienciais inadiáveis por parte do parapedagogo para a atuação cosmoética e qualificada na interassistência.

Alcance. A rede colaborativa interassistencial criada entre os amparadores de função, amparadores dos assistidos, dos educandos e o parapedagogo ressalta a chance de pesquisar teaticamente o alcance deste trabalho interassistencial.

O TRABALHO DO PARAPEDAGOGO ACELERA O DESENVOLVIMENTO DA LIDERANÇA INTERASSISTENCIAL, DO AUTOPARA-PSIQUISMO E A MELHORIA DO SALDO DA FICHA EVOLUTIVA PESSOAL (FEP), NOTADAMENTE PELA AUTOEXEMPLIFICAÇÃO.

Questionologia. Você, leitor ou leitora, admite ter concluído o Curso Intermissivo? Já realizou a formação docente em Conscienciologia? Qual sua disposição para assumir a liderança interassistencial na função de Parapedagogo?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. ABREU, C. **Teoria do Apego. Fundamentos, Pesquisas e Implicações Clínicas.** São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2005.
02. BRUNER, J. **Beyond the information given.** Nova York: W.W. Norton, 1973.
03. FEUERSTEIN, R. **Instrumental Enrichment.** Illinois, USA: Scott, Foresman and Company, 1980.
04. FONSECA, V. **Desenvolvimento Cognitivo e Processo de Ensino-Aprendizagem. Abordagem psicopedagógica à luz de Vygotsky.** Rio de Janeiro, RJ: Editora Vozes, 2018.

05. FUENTES, N. Vínculo Seguro nas Relações Afetivas. **Revista de Parapedagogia**. Foz do Iguaçu, Ano 11, N. 11, p. 97-115, outubro, 2021.
06. KLEIN, W. et al. Disciplina 1 – Introdução à Docência Conscienciológica, Disciplina 4 - Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica. **Manual do Professorando**. Foz do Iguaçu, p. 5-54, p. 92-94, 2019.
07. KLEIN, W.; Pré-Aula de Conscienciológica; verbete; In: Vieira, Waldo; Org.; **Enciclopédia da Conscienciológica**; Verbetes N. 5.499; apresentado no Tertulium / CEAEC, Foz do Iguaçu, PR; 23.02.2021; disponível em: <<http://encyclossapiens.space/buscaverbetes>>; acesso em: 05.06.2022; 14h28.
08. KLEIN, W. Transposição didática e transposição paradidática. **Revista de Parapedagogia**. Foz do Iguaçu, Ano 8, N. 8, p. 41-55, outubro, 2018.
09. MEIER, M., GARCIA, S. **Mediação da Aprendizagem. Contribuições de Feuerstein e de Vygotsky**. Curitiba: Edição do autor, 2007.
10. OSTERMANN, F., & CAVALCANTI, C. J. H. **Teorias de Aprendizagem**. Porto Alegre: Evangraf, 2010. Disponível em http://www.ufrgs.br/uab/informacoes/publicacoes/materiais-de-fisica-para-educacao-basica/teorias_de_aprendizagem_fisica.pdf. Acesso em mar. 2020.
11. VICENZI, E. Assistência por Meio da Afetividade. **Revista Conscientia**, Foz do Iguaçu, p. 23-37, jan./mar., 2005.
12. VYGOTSKY, L.S. **Instrumento y símbolo en el desarrollo del niño**. Barcelona: Critica, 1979.
13. VIEIRA, W. Verbetes Extrapolacionismo; Parepistemologia; Princípio do Exemplarismo Pessoal; In: Idem; Org.; **Enciclopédia da Conscienciológica**; Vol. 14; Vol. 21; Vol. 22; Associação Internacional de Enciclopediologia Conscienciológica (ENCYCLOSSAPIENS); & Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2018; ISBN 978-85-8477-118-9; pág. 10.738 a 10.741; pág. 16.960 a 16.964; pág. 18.047 a 18.049.
14. _____. **Léxico de Ortopensatas**. Foz do Iguaçu, PR: Associação Internacional Editares, 2014.
15. _____. **Dicionário de Argumentos da Conscienciológica**. Foz do Iguaçu, PR: Associação Internacional Editares, 2014.

Natalia Mariela Fuentes, administradora com pós-graduação em Gestão de Pessoas, Especialista em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, voluntária da Conscienciológica desde 1998 e da Reaprendentia desde 2016, docente de Conscienciológica desde 2001, tenepessista. E-mail: natalia.mariela.fuentes@gmail.com